

ESTUDOS FEMINISTAS DE TRADUÇÃO: UM RECORTE DE PESQUISAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO (PGET-UFSC)ⁱ

FEMINIST TRANSLATION STUDIES: A BRANCH OF RESEARCH OF THE POSTGRADUATE PROGRAM IN TRANSLATION STUDIES (PGET-UFSC)



Naylane Araújo MATOSⁱⁱ
Universidade Federal de Santa Catarina

Beatriz Regina Guimarães BARBOZAⁱⁱⁱ
Universidade Federal de Santa Catarina

Sheila Cristina dos SANTOS^{iv}
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Diante da invisibilidade imposta às mulheres no campo da Tradução, pela cultura patriarcal e sexista, este trabalho tem o objetivo de analisar as contribuições teórico-práticas aos Estudos Feministas de Tradução desenvolvidas no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para tanto, apresentamos as teses e dissertações defendidas neste programa – por ser o pioneiro do Brasil em Estudos da Tradução –, de 2005 a 2018, que abordam a tradução em sua intersecção com os Estudos de Gênero. Esperamos, com este levantamento, auxiliar a visibilidade de pesquisas desenvolvidas neste campo de estudos e favorecer a formação de redes que conectem pesquisadoras/es de diversos locais que estejam interessadas/os na temática, como parte de uma das propostas do Grupo de Estudos Feministas na Literatura e na Tradução (GEFLIT/UFSC). Do total de 273 dissertações e 114 teses analisadas, apenas 20 – 16 dissertações e 04 teses – apresentaram os critérios utilizados na busca e compuseram o *corpus*. Desses 20, 18 abordaram questões de gênero, no entanto, apenas nove identificaram-se inseridas nos Estudos da Tradução em sua intersecção com os Estudos de Gênero. Disso, conclui-se também que os estudos feministas ainda têm encontrado resistência no diálogo com outras áreas do conhecimento. Tal fato reflete a diferença social de gênero e, consequentemente, o caráter gendrado da linguagem e da cultura escrita. Nesse sentido, pesquisadoras como Rosvitha Blume (2010), Luise von Flotow & Farzaneh Farahzad (2016) e Olga Castro (2017) chamam atenção para a necessidade do resgate histórico de tradutoras bem como para a importância de pesquisas e experiências de tradução conscientes do seu papel feminista, como aqui apresentamos.

Palavras-chave: Estudos Feministas de Tradução. História da Tradução. PGET-UFSC.

Abstract: Facing the invisibility imposed over women on the field of Translation Studies by the patriarchal and sexist culture, this paper aims to analyze theoretical and practical contributions developed at the Postgraduate Program of Translation Studies (PGET) of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) to Feminist Translation Studies. For this purpose, we present theses and dissertations defended at this program – being the pioneer in Brazil in Translation Studies –, from 2005 to 2018, that approach translation in its intersection with Gender Studies. With this collection, we hope to foster the visibility of researches developed in this field of studies and favor the formation of networks connecting scholars from several places that are interested in the theme, as part of one of the propositions of the Group of Feminist Studies on Literature and on Translation (GEFLIT/UFSC). From 273 dissertations and 114 theses analyzed, only 20 – 16 dissertations and 04 theses – showed the criteria we employed to gather the corpus. Of these 20, 18 addressed questions of gender, but only nine of them identified themselves as part of Translation Studies in its intersection with Gender Studies. Therefore, we also conclude that

Feminist Studies still face resistance in the dialogue with other areas of knowledge. This fact reflects the social difference of gender and, consequently, the gendered trace of language and of written culture. In this sense, scholars like Rosvitha Friesen Blume (2010), Luise von Flotow & Farzaneh Farahzad (2016) and Olga Castro (2017) have drawn attention to the urge for a historical recovery of women translators as well as the importance of researches and translation experiences conscious of their feminist role, as we show here.

Keywords: *Feminist Translation Studies. Translation History. PGET-UFSC.*

RECEBIDO EM: 17/10/2018

ACEITO EM: 30/11/2018

PUBLICADO EM: dezembro 2018

1. Introdução

44

Os Estudos Feministas de Tradução (EFT) têm se tornado um campo de pesquisa cada vez mais consolidado nos Estudos da Tradução e reivindicado a valorização e presença do trabalho de mulheres, tanto no campo tradutório quanto tradutológico. Tradutólogas feministas como Rosvitha Blume (2010), Luise von Flotow (2011, 2016) e Olga Castro (2017) atribuem o processo de invisibilidade do trabalho de prática e teorização elaborado por e sobre mulheres à divisão social de gênero e, conseqüentemente, ao caráter gendrado da linguagem e da cultura escrita. Frente a isso, chamam atenção para a necessidade do resgate histórico de tradutoras bem como para a importância de pesquisas e experiências de tradução conscientes do seu papel feminista.

Entretanto, as instituições acadêmicas seguem reproduzindo as barreiras sociais que os feminismos encontram na sociedade em geral, de modo que, embora os Estudos da Tradução tenham expandido cada vez mais seu aspecto transdisciplinar, nota-se a resistência de incorporar os Estudos de Gênero a esse campo. Isso acontece muitas vezes sob argumentos que afirmam que tais estudos abordados na tradução, assim como outras vertentes interseccionais da área, “adotam muitos dos conceitos e dos métodos de suas disciplinas vizinhas, mas não desempenham papel importante no desenvolvimento das teorias da tradução enquanto tais” (PYM, 2017, p. 15). Porém, o próprio Anthony Pym (2017) afirma que as teorias são pensadas a partir do que guia o processo de *geração* de possibilidades de tradução e de *seleção* delas conforme certos critérios, e os Estudos Feministas de Tradução atuam tanto na expansão de novas possibilidades de tradução (*geração*) quanto argumentam em prol daquelas que sejam mais igualitárias em questão de gênero (*seleção*). O desenvolvimento do campo tem contribuído com aspectos fundamentais de sua premissa teórica, o que nos leva a pensar que não atribuir

importância ao seu papel nas teorias da tradução é mais outra faceta do apagamento que os estudos feministas denunciam.

Portanto, os Estudos Feministas de Tradução atuam demonstrando outras formas de gerar traduções e porque escolhê-las, tendo em vista não somente a crítica sobre a história da tradução, suas práticas e teorias que invisibilizam o trabalho realizado por mulheres, mas também a exclusão delas no espaço público. A relação entre os dois campos de estudos não é unidirecional, pois tanto a Tradução incorpora pensamentos dos Estudos de Gênero quanto fornece formas destes se articularem transnacionalmente. Assim, os EFT procuram fomentar a articulação entre os campos, tornando-os ferramentas de resistência, solidariedade e ativismo feminista para além da categoria de gênero, visando uma abordagem interseccional que evidencia múltiplas agendas (CASTRO; ERGUN, 2017).

Diante da configuração da cultura patriarcal e sexista, e sua consequente invisibilidade imposta às mulheres também no campo da Tradução, este trabalho tem o objetivo de analisar as contribuições teórico-práticas aos Estudos Feministas de Tradução, desenvolvidas no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para tanto, apresentaremos as teses e dissertações defendidas neste programa — por ser o pioneiro do Brasil em Estudos da Tradução —, desde sua criação em 2003 até 2018, que abordam a tradução em sua intersecção com os Estudos de Gênero. Esperamos, com este levantamento, auxiliar a visibilidade de pesquisas desenvolvidas neste campo de estudos e favorecer a formação de redes que conectem pesquisadoras/es de diversos locais que estejam interessadas/os na temática.

Esta pesquisa configura-se como quantitativa e qualitativa por entendermos que o método quantitativo se constitui como um importante banco de dados e que, apesar de ser expressão numérica, tende a ser explicado, nas Ciências Humanas e Sociais, a partir das abordagens de cunho qualitativo. Ou seja, os números que aqui apresentamos são reflexos de fatores sócio-históricos que se promulgam nos Estudos da Tradução. Além disso, segundo Gamboa (2009, p. 85), “a discussão sobre o dualismo quantidade-qualidade não pode ser mantida no nível técnico”. Em outras palavras, a dimensão técnica necessita ser relativizada e inserida em um “todo maior que lhe dá sentido, tomando-a como parte constitutiva do processo de pesquisa” (idem).

O corpus para análise foi extraído do banco de teses e dissertações — disponíveis para acesso até a data da pesquisa — do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, no

período de 2005 (ano em que foi defendida a primeira dissertação) a julho de 2018. Neste período, foram verificadas 114 teses e 273 dissertações. Como critério para composição do *corpus* analisado, realizamos uma primeira busca pelos títulos das pesquisas, observando aqueles que indicassem os termos: mulher, mulheres, feminismo, feminista, gênero e/ou tradutora. Também, atentamos para os títulos que apresentavam nomes de escritoras e/ou obras consideradas feministas pela crítica feminista de literatura e de tradução. Feito tal recorte, procedemos à procura pelos termos acima no corpo do texto, usando a ferramenta de busca de arquivos em PDF. Assim, chegamos ao *corpus* de 20 trabalhos — 4 teses e 16 dissertações — e analisamos quais deles embasam-se nas perspectivas dos Estudos Feministas de Tradução.

2. Os Estudos Feministas de Tradução

46 A primeira frase da introdução do livro *Feminist Translation Studies* – escrito por suas organizadoras, Olga Castro e Emek Ergun – afirma que “O futuro dos feminismos está no transnacional e o transnacional se faz através da tradução”^v (2017, p. 1). Também poderíamos traduzir a passagem como “O futuro dos feminismos é transnacional e este processo se faz através da tradução”^{vi}, para não utilizar o recurso de substantivação de adjetivos que só é possível através do masculino, uma vez que este gênero gramatical aparece em nossa língua como sinônimo da neutralidade universal. No português, esse fenômeno age conforme o princípio do “Masculino-come-Norma”, que adota este gênero gramatical tanto como referência para homens quanto para seres humanos em geral, grupos mistos ou casos em que não se sabe o gênero de quem ou o que se refere (BRAUN, 1997). Afinal, por que não se diz “a transnacional” no sentido evocado acima? Por que a escolha do masculino para exercer tantos papéis em uma língua, como neste caso, em detrimento do feminino? Este é um debate que ocorre dentro de uma própria língua e, em tradução, duplica-se: é preciso lidar com o sexismo gramatical tanto na língua de partida quanto naquela de chegada.

Conforme os Estudos Feministas de Tradução têm evidenciado desde o surgimento dos debates que o embasaram, no final da década de 80^{vii} — época conhecida pelo destaque recebido à escola canadense de tradução feminista —, esse problema não é somente linguístico, mas ideológico. Da mesma forma que a sociedade produz linguagem, a linguagem também influencia a sociedade. São processos mutuamente constitutivos e, portanto, os Estudos da Tradução, ao se voltarem para essa problemática, podem não só levar a uma reflexão sobre nossa própria língua, mas entender como a mediação entre culturas carrega opressões

simbólicas que refletem as opressões sociais. Ou seja, a perspectiva tradutória utilizada para tal pode servir ora para atender demandas humanitárias, ora para reafirmar dominações políticas, econômicas e simbólicas através da cultura. Como comenta Patricia Hill Collins:

Na política de um mundo de decolonização, a tradução é a cola que catalisa novos saberes que potencialmente embasam uma nova práxis política. Portanto, quando se trata de ativismo intelectual, afiar habilidades de tradução constitui tanto um desafio intelectual importante quanto uma necessidade política.^{viii} (2017, p. xii)

Isso nos permite dizer que não somente os feminismos se fazem em tradução — para se realizarem transnacionalmente ao buscar formar coalizões que promovam fortalecimento aos debates locais —, mas que a tradução tem aprendido muito com os feminismos. Através dos recortes de gênero, raça, classe e geografia, com abertura para outros critérios locais^{ix}, os Estudos de Gênero valorizam e esmiúçam categorias importantes à compreensão das assimetrias de poder dentro das culturas, o que, agregando-se aos Estudos da Tradução, contribui para perceber como elas são mantidas, aumentadas ou diminuídas através da tradução. Esse processo revela tanto características culturais do texto de partida quanto aquelas do texto de chegada, sendo, portanto, um espaço em que as diferenças são defrontadas. Ao considerar a performatividade da linguagem segundo Judith Butler, Luise von Flotow percebe:

Traduções autorizam várias performances de um texto; elas fomentam diferenças nessas performances — de uma língua para muitas outras, mas também de uma língua para várias versões de outra; elas ocupam “espaço interlocutório” acima de tudo — ganhando mais nessa *transformance* do que elas “perdem na tradução”, para rebater esse velho dizer tão entediante.^x (2011, p. 9)

Os Estudos Feministas de Tradução valorizam a força política dessas performances. Eles se atentam aos contextos e, além da perspectiva da Tradução Cultural que os têm em conta, considera o aporte dos Estudos de Gênero para compreender quais outras categorias orientam a mediação que se dá via tradução, visando uma colaboração transnacional.

É importante salientar que uma das grandes preocupações de pesquisas dos EFT é apresentar atentamente o contexto daquilo que expõem e como o explicam, seguindo adiante na proposta da chamada “virada cultural” dos anos 80, já introduzida aos Estudos da Tradução. Tal preocupação é fundamental, pois, segundo o tão mencionado texto de Lori Chamberlain “Gender and the metaphors of translation”, de 1988, a dicotomia Eu e Outro/a, tão agudizada na tradução, é reproduzida pela concepção do Masculino/Universal e Feminino/Particular, que

ecoa na concepção dominante que valoriza textos originais (ação criativa) em detrimento de suas traduções (ação reprodutiva).

Como proposições de trabalho, os EFT têm apresentado eixos em diversos níveis. A princípio, entre 1970–80, a tradução feminista emergiu com a segunda onda do feminismo a partir da experiência de tradutoras quebequenses — a exemplo de Barbara Godard e Susanne Lotbinière-Harwood — que começaram a desenvolver novas práticas tradutórias subversivas com o objetivo de desconstruir uma linguagem patriarcal e misógina. Na década seguinte, ainda no contexto canadense, se destacam os estudos sistematizados sobre tradução e gênero: *Gender in translation*, de Sherry Simon (1996) e *Translation and gender*, de Luise von Flotow (1997).

Embora a escola canadense de tradução feminista tenha sido fundamental para consolidação desse campo de estudo, ela passou a ser alvo de crítica, especialmente pela estratégia denominada por Flotow (1991) como *hijacking*, na qual as tradutoras faziam intervenções políticas nos textos traduzidos a fim de “corrigir” os problemas misóginos e “feminizar” a linguagem. Olga Castro (2009) aponta que estratégias essencialistas como essa correm o risco de apagar as diferenças entre as próprias mulheres, já que as coloca como uma categoria estável e universal.

48

Nesse sentido, a autora defende outras práticas nos níveis: 1) historiográfico — onde encontra-se o resgate do trabalho de tradutoras, o que permite alterar a história da tradução como ela é conhecida, e a recuperação de autoras que foram esquecidas devido à supremacia do cânone masculino; 2) crítico — no qual há a crítica às traduções de escritos feministas e seus paratextos; 3) prático — no qual se propõe uma investigação sobre posturas de tradução na representação textual de homens e mulheres e uma análise de como esses comportamentos também afetam os paratextos. Ademais, como pode ser visto em *Feminist Translation Studies*, editado por Castro ao lado de Emek Ergun (2017), muito mais se considera para além desses níveis apresentados pela pesquisadora até o ano de 2009, visando perspectivas locais e transnacionais.

Rosvitha Friesen Blume (2010), no contexto brasileiro, por sua vez, agrupa as práticas feministas de tradução em quatro grandes blocos: 1) o trabalho de tradutoras ao longo da História; 2) as propostas feministas de tradução (nas quais há forte influência do trabalho da escola canadense de tradução feminista); 3) a crítica de tradução de obras literárias e teóricas e, por fim; 4) a investigação sobre políticas de tradução atuais dentro da perspectiva de gênero. Mais recentemente, em 2016, Luise von Flotow e Farzaneh Farahzad sugeriram uma divisão

bastante semelhante à de Blume: 1) o papel de mulheres tradutoras; 2) a aplicação do feminismo à tradução; 3) a tradução de autoras em contexto; 4) projetos feministas de tradução. Assim, na confluência desses grupos, podemos encontrar as dimensões prática, teórica, crítica e histórica, sendo que frequentemente elas podem estar articuladas em uma mesma pesquisa, seja para justificar sua proposta, seja para encaminhar seus resultados.

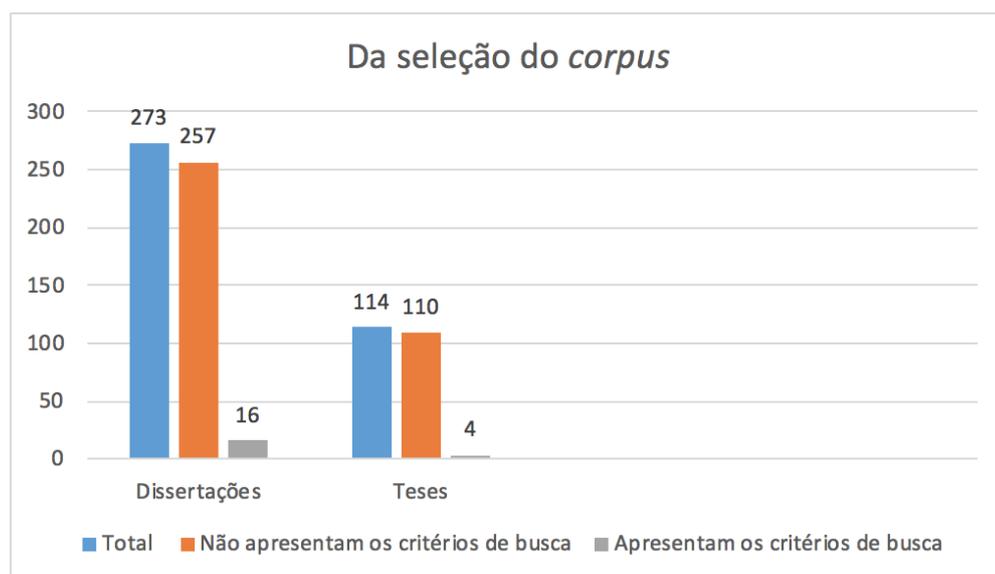
Nesta pesquisa apresentam-se as dimensões teórica — à medida que propomos uma revisão da literatura existente no campo; crítica — uma vez que buscamos identificar de que maneira os Estudos Feministas de Tradução se apresentam no *corpus* analisado e; histórico — por apresentar um levantamento histórico (de 2005 a 2018), no contexto brasileiro, das teses e dissertações que discutem tradução e gênero no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

3. Resultados e discussão

Para prosseguir com a análise, no gráfico 1, apresentamos um panorama geral quantitativo da seleção do *corpus*. Como já mencionamos, os dados foram retirados do banco de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, no período de 2005 (ano em que foi defendida a primeira dissertação) a julho de 2018. Das 273 dissertações e 114 teses, apenas 20 apresentaram os critérios utilizados na busca — 16 dissertações e 04 teses^{xi}.

49

Gráfico 1 - Da seleção do *corpus*



Elaboração: MATOS; BARBOZA; SANTOS, 2018.

A seleção do *corpus* já apresenta um dado significativo: apenas 5% das pesquisas de mestrado e doutorado defendidas na PGET — desde a primeira defesa (em 2005) até julho de 2018 — apresentam os critérios de busca aplicados para definição do *corpus*. Cabe ressaltar que nosso mecanismo de busca é limitado, portanto, pode haver uma margem de erro, e trabalhos que abordem questões de gênero tenham ficado de fora no nosso escopo. Nele se encontram estritamente aqueles que apresentam os termos mulher, mulheres, feminismo, feminista, gênero e/ou tradutora — terminologia comum aos Estudos Feministas de Tradução —; e/ou títulos com nomes de escritoras e/ou obras consideradas feministas, cujo acesso estava disponível na base de dados do programa. Não necessariamente os trabalhos apresentaram todos os termos de busca, mas naqueles em que identificamos as palavras mulher/res, buscamos outro termo que indicasse possível abordagem feminista, uma vez que esta simples palavra poderia aparecer em uma série de outros trabalhos, em diversos contextos.

De antemão, o baixo número que compõe o *corpus* desta pesquisa pode ser visto sob duas perspectivas: negativa — na medida em que parece espantosa a ínfima quantidade de trabalhos que possivelmente abordariam questões de gênero e tradução, diante da vasta quantidade de pesquisas em Estudos da Tradução desenvolvidas neste programa de pós-graduação; positiva — se considerarmos os Estudos Feministas de Tradução como um campo recente, que tem se popularizado sobretudo na última década. É sob esta última perspectiva que olhamos para esses índices e procedemos nossa análise. Há aqui muitas pesquisas significativas e elas têm aberto espaço para que novas outras se solidifiquem nesse campo no Brasil.

No quadro abaixo, descrevemos brevemente nosso *corpus*, indicando os títulos das pesquisas, suas/seus autoras/es, orientadoras/es e ano de defesa.

Quadro 1 - *Corpus*

Teses			
Título	Autor/a	Orientador/a	Ano
Da mente do criador à mente do tradutor: tradução comentada de <i>The Mind of the Maker</i> de Dorothy L. Sayers	Gabriele Greggersen	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2014
Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos	Tatiana Nascimento dos Santos	Prof. ^a Dr. ^a Luciana Rassier	2014
A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantis juvenis do gênero aventura	Marcílio Garcia de Queiroga	Prof. Dr. Lincoln P. Fernandes	2014

Tradução comentada da peça teatral <i>Amor es más laberinto</i> de Sor Juana Inés de la Cruz: o emaranhado jogo das antíteses	Mara Gonzalez Bezerra	Prof. Dra. Andréa Cesco Coorientador: Prof. Dr. Gilles Jean Abes	2016
Dissertações			
Título	Autor/a	Orientador/a	Ano
Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o feminismo de culturas centrais: um estudo de caso para a aplicação do modelo funcionalista de Christiane Nord	Monique Pfau	Prof. Dr. Markus J. Weininger Coorientadora: Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2010
A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII	Raquel Dotta Corrêa	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume Coorientador: Prof. Dr. Sergio Romanelli	2010
Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira	Silvana Nicoloso	Prof. ^a Dr. ^a Viviane Maria Heberle	2010
A voz do tradutor desafiando os ‘poderes’ do contexto de cultura: uma análise sistêmico-funcional da primeira tradução brasileira de <i>Jane Eyre</i> (1847), de Charlotte Brontë	Jerusa Regina dos Santos	Prof. ^a Dr. ^a Maria Lúcia Vasconcellos Coorientador: Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes	2013
Tradução de poesia: Emily Dickinson segundo a perspectiva tradutória de Augusto de Campos	Fernanda Maria Alves Lourenço	Prof. ^a Dr. ^a Karine Simoni Coorientadora: Prof. ^a Dr. ^a Silvia La Regina	2014
Uma análise funcionalista: como a influência londrina na obra <i>The Years</i>, de Virginia Woolf, se apresenta na tradução brasileira <i>Os Anos</i>	Janaína Freire Meneghel	Prof. Dr. Fabiano Seixas Fernandes Coorientadora: Prof. ^a Dr. ^a Andréa Cesco	2015
A peça-paisagem de Gertrude Stein: traduzindo <i>Four Saints In Three Acts</i>	Vanessa Geronimo	Prof. ^a Dr. ^a Dirce Waltrick do Amarante Coorientador: Prof. Dr. Alexandre	2015

		Daniel de Souza Feldman	
A interculturalidade em <i>Half of a Yellow Sun</i>, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma análise comparativa das traduções portuguesa e brasileira	Fabício Henrique Meneghelli Cassilhas	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2016
Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX	Maria Eduarda dos Santos Alencar	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2016
A tradução de <i>Lolita</i> de romance para roteiro cinematográfico: uma análise da retextualização da temática tabu presente na obra de Vladimir Nabokov	Renata Corbetta Tavares	Prof. ^a Dr. ^a Karine Simoni Coorientador: Prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares	2016
Recriando vozes (r)existentes em cores vibr(antes): uma proposta de tradução de <i>Indigo</i> (1993), de Marina Warner, ao português do Brasil	Flávia Wanzeller Kunsch	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2017
<i>Orlandos</i>: um olhar feminista sobre as traduções do romance de Virginia Woolf no Brasil	Marília Dantas Tenório Leite	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2017
Tradução comentada da obra <i>The Awful Rowing Toward God</i> de Anne Sexton	Beatriz Regina Guimarães Barboza	Prof. Dr. Gilles Jean Abes Coorientador: Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares	2018
A representação da personagem Antoinette em <i>Wide Sargasso Sea</i> (Jean Rhys – 1966) e na sua tradução brasileira (Léa Viveiros de Castro – 2012): uma crítica feminista pós-colonial	Naylane Araújo Matos	Prof. ^a Dr. ^a Rosvitha Friesen Blume	2018
Análise das traduções dos contos “Os desastres de Sofia”, “Tentação” e “A legião estrangeira” de Clarice Lispector para o espanhol	Rosângela Fernandes Eleutério	Prof. ^a Dr. ^a Meritxell Hernando Marsal	2018
<i>Uma noite de Ramadã</i> de Out El Kouloub: tradução comentada do conto <i>Leilet el Qadr</i>	Sheila Cristina dos Santos	Prof. ^a Dr. ^a Marie-Hélène C. Torres	2018

Elaboração: MATOS; BARBOZA; SANTOS, 2018.

A partir da análise dos títulos, é possível perceber que apenas oito apresentam os termos utilizados na busca: três deles apresentam o termo feminista, um o termo gênero^{xii}, um apresenta

o termo mulheres e três o termo tradutora/s no feminino. A grande maioria, embora não apresente tais terminologias, indica obras e/ou nomes de mulheres escritoras e, no caso do título “Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos”, apesar de não apresentar os termos de busca, expressa seu caráter político.

Um dado que chama atenção no Quadro 1 são os anos das pesquisas, todas desta década. As primeiras dissertações datam de 2010 e seus títulos já preveem a abordagem de gênero. O ano coincide com a publicação do artigo “Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero”, de autoria de Rosvitha Friesen Blume, no periódico *Fragmentos*. No século XXI, antes de 2010, no Brasil, acessamos poucas publicações sobre tradução e gênero^{xiii}. Há destaque do artigo “A tradução feminista: teorias e práticas subversivas Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense” (*Textos de História*, 2000), de Marie-France Dépêche, então professora da Universidade de Brasília. E, em 2009, há o trabalho de crítica feminista de tradução, publicado pela então aluna da PGET Andréa Biaggioni, em coautoria com Blume, de duas traduções do conto “Undine geht”, da escritora alemã Ingeborg Bachmann.

Antes dessas publicações, a professora pesquisadora e tradutóloga brasileira Rosemary Arrojo discute questões de tradução e gênero nos trabalhos “Fidelity and the gendered translation” (*TTR*, 1994) e “Feminist ‘orgasmic’ theories of translation and their contradictions” (*Tradterm*, 1995). No entanto, suas publicações, além de serem veiculadas em língua inglesa — limitando o acesso de leitores/as brasileiras fora do espaço acadêmico —, não buscaram se inserir neste campo de estudo. Ao contrário, operaram/operam no sentido de apresentar críticas às estratégias essencialistas das tradutoras feministas quebequenses, sob o argumento de que, ao “feminizar” a linguagem, elas reproduzem as mesmas violências que justamente buscam combater. Logo, podemos dizer que tais publicações foram/são importantes para a autocrítica dos Estudos Feministas de Tradução, como evidencia Olga Castro (2009). Antes dos trabalhos mencionados, em 1992, há a publicação de “Writing in no man's land: questions of gender and translation”, de Susan Bassnett, no periódico brasileiro *Ilha do Desterro*.

Assim, ao localizarmos poucas publicações sobre tradução em uma perspectiva de gênero no Brasil, até a primeira década do século XXI, constatamos que a partir de 2010 há favorecimento de pesquisas nesse campo no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e também a importância do trabalho da professora pesquisadora Rosvitha Blume. Além da sua publicação, que demonstra interesse e atuação na área, quase a metade do *corpus*^{xiv} é orientada ou coorientada por ela, como podemos verificar no Quadro 1.

No Quadro 2, apresentamos as ocorrências dos termos de busca nos trabalhos analisados a fim de identificar qual a terminologia adotada por suas/seus autoras/es e, posteriormente, delimitar aqueles que se identificam inseridos nos Estudos Feministas de Tradução:

Quadro 2 - Ocorrências de terminologia

Terminologia	Ocorrências
Mulher/es	2.301
Feminis/mo/ta	1.709
Tradutora	1.015
Gênero	1.011
Escritora	446
Estudos de Gênero	109
Estudos Feministas	104
Tradução Feminista	74

Elaboração: MATOS; BARBOZA; SANTOS, 2018.

54

Como é possível constatar, o termo feminismo ou feminista é o que, depois de mulher/es, mais apresenta ocorrências. Ou seja, todos os trabalhos analisados lidam, de alguma maneira, com questões relacionadas às mulheres e, ao seu modo, abordam o feminismo ou a perspectiva feminista, com exceção das pesquisas de Queiroga (2014) e Geronimo (2015) que, apesar de trabalharem com Clarice Lispector e Gertrude Stein respectivamente, não mencionam o viés feminista das autoras, quer seja na sua militância, quer seja nas suas obras.

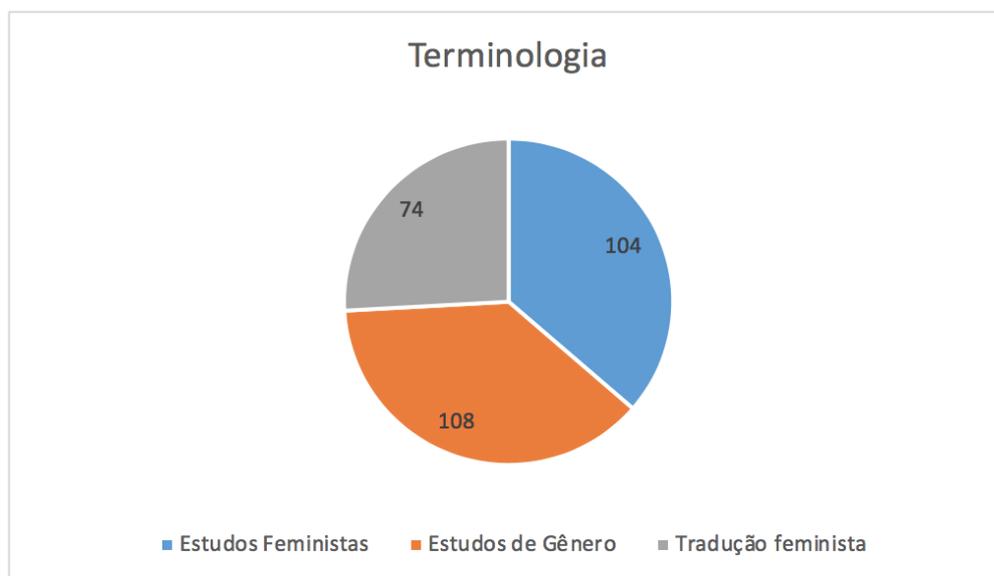
É necessário ressaltar que ainda que o termo mulher/es apresente-se de modo genérico, os outros termos de busca nos auxiliam a identificar quais trabalhos abordam questões de gênero. Sobre o termo gênero^{xv}, também vale observar que muitas vezes aparece como gênero textual, literário e/ou discursivo e, portanto, o total de ocorrências apresentado no Quadro 2 nem sempre corresponde ao uso de gênero enquanto categoria identitária socialmente construída, como é o caso dos dois trabalhos mencionados acima. Apesar de serem pesquisas que lidam uma com a voz da tradutora e outra com uma escritora engajada, ambos não fazem qualquer menção à questão de gênero.

Grande parte dos trabalhos, apesar de não se identificar inserida nos Estudos Feministas ou de Gênero, aborda ou menciona questões pautadas pelos feminismos. Muitos deles, ainda que não explorem o termo feminismo/ta, discutem a condição social de mulheres, quer seja possibilitada pelas obras objetos de estudos quer seja para contextualizar suas autoras. Entretanto, menos da metade do *corpus* identifica-se inserida no campo da Tradução em sua

intersecção com os Estudos de Gênero. Nesse sentido, temos as pesquisas de Monique Pfau (2010), Raquel Corrêa (2010), Silvana Nicoloso (2010), Tatiana dos Santos (2014), Maria Eduarda Alencar (2016), Flávia Kunsch (2017), Marília Leite (2017), Beatriz Barboza (2018) e Naylane Matos (2018). Fabrício Cassilhas (2016) enfatiza que embora seu trabalho não tenha foco nas questões gênero — e localiza seu trabalho nos Estudos Pós-Coloniais —, estas foram extremamente importantes para o desenvolvimento da sua pesquisa. Também, há 23 ocorrências do termo feminismo/ta no seu trabalho, inclusive nos títulos dos tópicos.

Assim, no *corpus* analisado, identificamos nove trabalhos que explicitamente declaram — por meio de seus resumos, palavras-chave, sumário e referências bibliográficas — estar inseridos no campo da Tradução em sua intersecção com os Estudos de Gênero e que utilizam a terminologia apresentada no Gráfico 2:

Gráfico 2 - Terminologia utilizada nos trabalhos inseridos nos Estudos Feministas de Tradução



Elaboração: MATOS; BARBOZA; SANTOS, 2018.

Como podemos observar, as ocorrências do uso dos termos Estudos Feministas e Estudos de Gênero é praticamente a mesma, enquanto que há redução da ocorrência do termo tradução feminista, isto porque este não aparece em dois dos nove trabalhos. Sobre a terminologia utilizada nas pesquisas que envolvem tradução e gênero, José Santaemilia (2017) analisa o uso de diferentes denominações na área e afirma que isso indica o dinamismo e a pluralidade da temática. O autor também aponta que a virada do século favorece o interesse nos Estudos Feministas de Tradução, como vimos na tabela descritiva do *corpus*.

O fato de sete dentre os nove trabalhos utilizarem a expressão tradução feminista indica a influência das práticas e teorias feministas de tradução canadense — de onde emerge o termo no “Ocidente” — nas pesquisas brasileiras sobre tradução e gênero. Outra evidência de tal influência é a referência às obras da teórica canadense Luise von Flotow em quase todos os trabalhos. Suas obras são as mais utilizadas como referência bibliográfica na temática, em seguida, e nessa ordem de ocorrência, temos obras de: Lori Chamberlain, Sherry Simon, Susan Bassnett e Barbara Godard. Também percebemos a importância das obras já existentes no contexto brasileiro para estes trabalhos, tais como os artigos de Rosvitha Blume (2010) e Marie-France Dépêche (2000). Também é comum que os trabalhos façam referência às próprias pesquisas acerca da temática já defendidas na PGET.

Considerações finais

Os dados apresentados e analisados neste trabalho evidenciam que os estudos feministas ainda têm encontrado resistência no diálogo com outras áreas do conhecimento. Como vimos, do total de 273 dissertações e 114 teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), até julho de 2018, apenas 20 apresentaram os critérios utilizados na busca e compuseram o *corpus*. Desses 20, 18 abordaram questões de gênero, no entanto, apenas nove identificaram-se inseridos nos Estudos de Tradução em sua intersecção com os Estudos de Gênero.

É louvável, entretanto, que, embora ainda poucas, identificamos contribuições significativas aos relativamente recentes Estudos Feministas de Tradução, na última década neste programa. Igualmente, reconhecemos que praticamente todas as pesquisas do *corpus* contribuem para o desenvolvimento da temática no Brasil, uma vez que, apesar de não se declarem inseridas nesse campo de estudo, elas visibilizam o trabalho de mulheres escritoras e tradutoras.

A pesquisa que realizamos até aqui é limitada, sendo necessária uma análise mais aprofundada desses dados, na qual seja possível identificar, dentre outras questões, as principais tendências dos Estudos Feministas de Tradução que elas apresentam. Igualmente, faz-se necessário ampliar os dados para outros programas de pós-graduação acerca da temática. Todavia, reforçamos que este é um primeiro passo para favorecer novas produções no contexto brasileiro e, portanto, o que apresentamos é um importante banco de dados para futuras

pesquisas que veem nos feminismos e na tradução possibilidades de subversão de bases sociais excludentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ARROJO, Rosemary. Fidelity and The Gendered Translation. *TTR: traduction, terminologie, redaction*, v. 7, n. 2, 1994.

ARROJO, Rosemary. Feminist ‘orgasmic’ theories of translation and their contradictions. *TradTerm*, n. 2, 1995.

BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães. *Tradução comentada da obra The Awful Rowing Toward God de Anne Sexton*. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BASSNETT, Susan. Writing in no man's land: questions of gender and translation. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, Florianópolis, n. 28, 1992.

BIAGGIONI, Andréa; BLUME, Rosvitha Friesen. Traição produtiva: uma análise de duas traduções do conto “Undine geht” de Ingeborg Bachmann. Ano IV, v.9, ago-dez de 2009.

BLUME, Rosvitha Friesen. Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero. *Fragmentos*. Florianópolis, n. 39, 2010.

BRAUN, Friederike. “Making men out of people. The MAN principle in translating genderless forms”. In: KOTTHOFF, Helga; WODAK, Ruth. *Communicating Gender in Context*. Amsterdã e Filadélfia: Benjamins, 1997.

BEZERRA, Mara Gonzalez. *Tradução comentada da peça teatral amor es más laberinto de sor juana inés de la cruz: o emaranhado jogo das antíteses*. 2016. 281 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli. *A interculturalidade em half of a yellow sun, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma análise comparativa das traduções portuguesa e brasileira*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CASTRO, Olga. “(Re)examinando horizontes en los Estudios Feministas de Traducción: ¿hacia una tercera ola?”. In: *MonTI: Monografías de Traducción e Interpretación*, Vol. 1, 2009, p. 59-86.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. Tradução: Beatriz Regina Guimarães Barboza. *TradTerm*. São Paulo: v. 29, julho, 2017.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (org.). *Feminist Translation Studies*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2017.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, Paulo (org.). Tradução. A prática da diferença. FAPESP/UNICAMP, Campinas, 1998. [1988]

COLLINS, Patricia Hill. "Preface: On Translation and Intellectual Activism". In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. *Feminist Translation Studies*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2017.

CORRÊA, Raquel Dotta. *A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos xvii e xviii*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DÉPÊCHE, Marie-France. A tradução feminista: teorias e práticas subversivas: Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. *Textos de História*. Brasília, v. 8, n. 1, 2000.

ELEUTÉRIO, Rosangela Fernandes. *Análise das traduções dos contos "Os desastres de Sofia", "Tentação" e "A legião estrangeira" de Clarice Lispector para o espanhol*. 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

FARAHZAD, Farzaneh; FLOTOW, Luise von (org.). *Translating Women: Different Voices and New Horizons*. Routledge: New York, 2016, p. 235.

FLOTOW, Luise von. Feminist translation: contexts, practices and theories. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*. v. 4, n. 2, 1991.

FLOTOW, Luise von. *Translating Women*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2011.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (org.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

GERONIMO, Vanessa. *A peça-paisagem de Gertrude Stein: traduzindo four saints in three acts*. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GREGGERSEN, Gabriele. *Da mente do criador à mente do tradutor: tradução comentada de The mind of the maker de Dorothy L. Sayers*. 2014. 360 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LEITE, Marília Dantas Tenório. *Orlandos: um olhar feminista sobre as traduções do romance de Virginia Woolf no Brasil*. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

LOURENÇO, Fernanda Maria Alves. *Tradução de poesia: Emily Dickinson segundo a perspectiva tradutória de Augusto de Campos*. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MATOS, Naylane Araújo. *A representação da personagem Antoinette em wide sargasso sea (Jean Rhys – 1966) e na sua tradução brasileira (Léa Viveiros de Castro – 2012): uma crítica feminista pós-colonial*. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MENEGHEL, Janaína Freire. *Uma análise funcionalista: como a influência londrina na obra the years, de Virginia Woolf, se apresenta na tradução brasileira os anos*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NICOLOSO, Silvana. *Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de língua de sinais brasileira*. 2010. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PFAU, Monique. *Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o feminismo de culturas centrais: um estudo de caso para a aplicação do modelo funcionalista de Christiane Nord*. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PYM, Anthony. *Explorando as teorias da tradução*. Trad. de Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveria, Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017. Título original: Exploring translation theories.

QUEIROGA, Marcílio Garcia de. *A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infanto juvenis do gênero aventura*. 2014. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SANTOS, Jerusa Regina dos. *A voz do tradutor desafiando os 'poderes' do contexto de cultura: uma análise sistêmico-funcional da primeira tradução brasileira (1926, 2.ª ed.) De Jane Eyre (1847), de Charlotte Brontë*. 2013. 433 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, Sheila Cristina dos. *Uma noite de ramadã de Out el Kouloub: tradução comentada do conto Leilet el Qadr*. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos. *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos*. 2014. 185 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SIMON, Sherry. *Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission*. NY: Taylor & Francis e-Library, 2005.

TAVARES, Renata Corbetta. *A tradução de Lolita de romance para roteiro cinematográfico: uma análise da retextualização da temática tabu presente na obra de Vladimir Nabokov*. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ⁱ O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ⁱⁱ Naylane Araújo MATOS - Doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Estudos da Tradução (2018) pela mesma universidade e Licenciada em Letras-Língua Inglesa e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (2016). Membro do grupo de estudos GEFIT-UFSC. Bolsista CNPq. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8310924411167933> . E-mail: naylaneam@gmail.com

ⁱⁱⁱ Beatriz Regina Guimarães BARBOZA - Doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Estudos da Tradução (2018) pela mesma universidade e Bacharela em Estudos Literários (2016) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do grupo de estudos GEFIT-UFSC. Bolsista CAPES. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5227888337267200> E-mail: beatriz.r.barboza@gmail.com

^{iv} Sheila Cristina dos SANTOS - Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Estudos da Tradução (2018) e Bacharela em Letras – Língua Francesa e Literaturas (2015) pela mesma universidade. Bolsista CAPES. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8735210240449193> E-mail: sheilasantos100@gmail.com

^v (Todas as traduções são de nossa autoria, exceto quando informado o contrário)

^{vi} “The future of feminisms is in the transnational and the transnational is made through translation”

^{vii} Ainda é recente a nomenclatura de Estudos Feministas de Tradução, pois a princípio se fazia referência somente à escola canadense de tradução feminista (ou tradução feminista canadense) de forma paradigmática, pela novidade de sua proposta em meio aos Estudos da Tradução na época.

^{viii} “Whithin the politics of a decolonising world, translation is the glue that catalyses new knowledge that potentially grounds a new political praxis. Thus, when it comes to intellectual activism, honing skills of translation constitutes both an important intellectual challenge and a political necessity”

^{ix} Como, por exemplo, o sistema de castas na Índia, conforme pode ser observado no trabalho de Manasi Mohan e Tahir Kumar, que, no evento “Multi-disciplinary Perspectives on Text, Place and Agency”, realizado na Universidade de Glasgow em 2018, mostrou como a tradução de textos de teóricas feministas negras poderia ser útil para o Feminismo Dalit.

^x “Translations allow various performances of a text; they foment differences in these performances—from one language to many others but also from one language to many versions of another; most importantly they take up ‘interlocutory space’—gaining more in this transformance than they ‘lose in translation’, to counter that tedious old saying.”

^{xi} Identificamos outra dissertação, cujo título apresenta um dos critérios de busca, a saber “Funcionalismo alemão e tradução literária: quatro projetos para a tradução de *The Years*, de Virginia Woolf” (2007), de Alice Borges Leal, entretanto, seu download não estava disponível nem no banco de dados da PGET nem no repositório da UFSC.

^{xii} Outro título da tabela apresenta a palavra gênero — “A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantojuvenis do gênero aventura” —, entretanto, ela está no sentido de gênero textual.

^{xiii} É importante salientar que esse acesso pode não corresponder à totalidade das publicações no campo, no Brasil. Apresentamos estritamente o que identificamos até o período desta pesquisa. Conjecturamos que o uso de uma terminologia comum ao campo, a saber, Estudos Feministas de Tradução, auxiliaria na identificação de mais pesquisas e publicações abordando a temática.

^{xiv} Embora o trabalho de Tatiana Nascimento apresente o nome da Prof.^a Dr.^a Luciana Rassier como orientadora, vale mencionar que a pesquisa foi iniciada com a Prof.^a Dr.^a Rosvitha Friesen Blume. A aluna desenvolvia sua

pesquisa de mestrado com a Prof.^a Rosvitha e, ao ser recomendada diretamente para o doutorado, passou a ser orientada pela Prof.^a Luciana.

^{xv} Devido à limitação do mecanismo de busca, o total de ocorrências do termo gênero também pode envolver palavras como generoso/a, generosidade, etc.